



A CORTESIA E A DESCORTESIA COMO ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Amanda Muniz da SILVA¹
Denise Aparecida Oliveira da SILVA²

RESUMO: O artigo explicita os conceitos e a análise de estratégias discursivas de cortesia e descortesia presentes na interação de figuras públicas, explicitadas na manchete de dois jornais televisivos com óticas distintas (Jornal Nacional e Jornal da Band), sobre uma declaração do Presidente Bolsonaro, em relação ao número de mortos crescente por corona vírus no Brasil. Assim, investiga-se as estratégias discursivas na linguagem dos dois telejornais, diante das escolhas lexicais de ponderação e intensificação. A base teórica principal foi a cortesia e descortesia nos discursos em Silva (2013); as estratégias de ponderação e intensificação em Cabral, Seara, Guaranha (2017), em confluência com a teoria de Abramo (2003) nas múltiplas formas de manipulação da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cortesia. Descortesia. Discurso. Notícia.

CORTESÍA Y GROSERÍA COMO ESTRATEGIAS DE DISCURSO EN EL DISCURSO PERIODÍSTICO

RESUMEN: El artículo explica los conceptos y el análisis de estrategias discursivas de cortésia y grosería presentes en la interacción de figuras públicas, explicita en el titular de dos periódicos de televisión con óptica diferente (Jornal Nacional y Jornal da Band), sobre una declaración del presidente Bolsonaro, en en relación con el creciente número de muertes por virus corona en Brasil. Por lo tanto, investiga las estrategias discursivas en el lenguaje de los dos noticieros, dadas las opciones léxicas de ponderación e intensificación. La base teórica principal fue la cortésia y la grosería en los discursos de Silva (2013); Las estrategias de ponderación e intensificación en Cabral, Seara, Guaranha (2017), en confluencia con la teoría de Abramo (2003) en las múltiples formas de manipular la realidad.

PALABRAS CLAVE: Cortésia. Grosería. Habla. Noticia.

1 Doutoranda em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Mestre em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). Endereço eletrônico: <amandamuniz86@gmail.com>.

2 Mestranda em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Endereço eletrônico: <adenise@hotmail.com>.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para o sociólogo Ervin Hoffman apud Silva (2013), o objetivo da comunicação humana não é só a troca de informações, mas, especialmente, o estabelecimento de relações sociais. Em certas situações, o simples ato de interagir tem mais importância que o conteúdo da informação do comunicado. É nesse sentido que estabeleceremos, a seguir, as nuances dos conceitos de cortesia e descortesia.

Silva (2013, p. 101) recupera algumas conceituações de demais pesquisadores sobre esses dois termos que são importantes para entender a proposição deles neste estudo, a começar por Goffman (1970), que define cortesia como “questão de equilíbrio, isto é, [...] estar bem com os demais, mediante comportamentos que são aprovados naquele determinado contexto social”; já, a descortesia é definida pelo autor da seguinte maneira: “supõe intenção de destruir a imagem do outro, em benefício de si mesmo”. Em seguida, traz uma definição explicitada por Bravo (2003) que refere cortesia como “uma estratégia para se dar bem com o outro, seja como um objetivo primordial (por exemplo uma saudação, um agradecimento, um elogio), seja para atenuar algo que possa levar o locutor a parecer rude e descortês frente a seus interlocutores (uma crítica imprópria, por exemplo) ou de ser particularmente amável com o objetivo de obter benefícios extrainterlocutivos.

O autor traz como aporte, também, os estudos de Cupeper (1996), que contempla cinco estratégias relativas à *descortesia*, são elas: 1. *Descortesia direta*, a qual se refere aos “atos que ameaçam de forma clara e direta, com a intenção de atacar a imagem do interlocutor”; 2. *Descortesia positiva*, que é definida como “o uso de estratégias para ferir a imagem positiva do interlocutor”; 3. *Descortesia negativa*, que diz respeito ao “uso de estratégias para ferir a imagem negativa do interlocutor”; 4. *Descortesia dissimulada* quanto aos “atos, aparentemente corteses, mas que são falsos, como a ironia e o sarcasmo”; e 5. *Não cortesia*, que se refere à “ausência de cortesia em situações em que esta é esperada” [grifos do autor].

Silva (2013, p. 102-103), se refere à cortesia como “[...] procedimento socialmente aceitável ou o politicamente correto.” e descortesia como “[...] intenção de denegrir, desvalorizar, ofender o interlocutor.”. O autor vai além e sustenta que “[...] um descortês pode gerar ausência de resposta, como o silêncio ou a resposta. Esta pode ter, como reação, a aceitação da crítica, em que se assume a responsabilidade pelo ato, gerando pedido de desculpas, ou a contrariedade. Esta pode ser ofensiva ou defensiva, em que busca defender a imagem atacada.”

Enquanto a cortesia é vista positivamente nas relações interpessoais e/ ou profissionais, o seu oposto – a descortesia – apresenta, comumente, valor negativo na área de comunicação, em especial, nos jornais televisivos, na transmissão de notícias relacionadas ao Brasil. Nesse âmbito, a cortesia pode ser utilizada como atenuadora, defensora, ou talvez amenizadora de imagem, indiretamente de quem se apresenta no governo, na liderança do país.

Mas, por outro lado, a descortesia, neste mesmo contexto, pode ser aceita como virtude, por se tratar de requisito necessário ao desempenho da função jornalística.

O excesso de descortesia, por sua vez, pode ter uma leitura representativa no contexto de pandemia por covid 19, em que as pessoas estão mundialmente “sufocadas” por enxurradas de notícias de todos os tipos (muitas delas aterrorizadoras). Têm-se em um dos principais meios de comunicação, o telejornal, a distinção de ideias, de discursos, de disputas, de interesses particulares e, nesse ínterim, os telespectadores, “inocentemente”, divididos, sem entender quem está com a verdade dos fatos.

A fim de analisarmos como ocorre a descortesia e a cortesia no dialogismo da linguagem, destacamos dois cenários: primeiro, um jornal de repercussão nacional, “Jornal Nacional” (JN), tendo como principal âncora³, Willian Bonner, com forte reconhecimento devido

³ De acordo o Dicionário informal: jornalista que apresenta e coordena um programa de televisão ou rádio (frequentemente um profissional de destaque que oferece ao programa sustentação, credibilidade e identificação com os telespectadores). DICIONÁRIO informal. [S. l.], 16 abr. 2017. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/ancora/>. Acesso em: 16 jun. 2020.



ao tempo de bancada do jornal bem como às premiações recebidas ao longo da carreira. De acordo com a Folha de S. Paulo, apoiada em dados do Kantar Ibope: “O Jornal Nacional, noticiário mais visto do país, com edições monotemáticas obre a covid-19, marcou 37 pontos na Grande São Paulo, onde cada um deles equivale 203 mil pessoas.” (PADIGLIONE, 2020).

Em um segundo cenário, um jornal também de âmbito nacional, mas que só alcançou essa abrangência 11 anos depois, em 1980: o Jornal da Band. Esse, já teve como âncora, jornalista de formação, como o reconhecido Renato Boechat, lembrado pelo domínio retórico e pela capacidade de expressão. Este jornal tornou-se “queridinho” da audiência brasileira. De acordo o site Uol, baseado em dados do Kantar Ibope, na Grande São Paulo, o principal noticiário da Band:

Sem contar com a apresentação de Ricardo Boechat, morto no dia 11 de fevereiro num trágico acidente aéreo, o "Jornal da Band" vem conseguindo manter sua audiência no horário. De acordo com dados da Kantar Ibope na Grande São Paulo, o principal notário da Band está com média de 4,3 pontos, a mesma pontuação de antes da tragédia que vitimou o seu âncora. (LUCAS, 2019, s.p.).

Ambos jornais são concorrentes, exibidos no horário nobre, de segunda-feira a sábado, das 20h30min às 21h30min: Jornal nacional, na rede Globo e Jornal da Band, na Band.

Atualmente, no novo cenário mundial de pandemia, tem-se recebido, diariamente, por meio de notícias e recomendações científicas e médicas, sobre a situação do país, de como os brasileiros estão e devem enfrentar a pandemia. Mas, à frente disso, obscuramente, existe a política associada a todo esse caos.

Vendo a impossibilidade de dissociar pandemia e política, principalmente em termos de governo atual (2020), percebemos os discursos dos principais jornais da TV aberta, que abrangem uma audiência a todas as classes sociais brasileiras, em relação à cortesia e à descortesia verbal entre eles. Nas entrelinhas deste gênero de notícia jornalística, temos uma

imagem (política e de abrangência nacional) e o desejo de preservação dela, ou o desprezo consciente da polidez diante dessa imagem para consecução dos objetivos.

Sabemos que as estratégias de cortesia e de descortesia contribuem para o gerenciamento dos riscos comunicacionais. A interação por manipulação corre mediante dois tipos de riscos, de acordo com Cabral, Seara e Guaranha (2017):

[...] se tornar uma comunicação enfadonha, pelo excesso de cooperação decorrente do uso exagerado de sedução ou de cortesia, aproximando-se, nesse caso, da programação, ou uma comunicação quase interrompida e inexistente, pelo excesso de polêmica provocada pelo forte emprego de provocação, avizinhandose da interação por acidente. (CABRAL, SEARA e GUARANHA, 2017, p. 160)

As estratégias de sedução ou de cortesia, graças à construção da imagem positiva do destinatário, produzem, em geral, os efeitos de sentido de aproximação e de concordância entre destinador e destinatário. Já as estratégias de provocação ou de descortesia, devido ao uso da imagem negativa do destinatário, constroem efeitos de distanciamento e discordância e são muito comuns em comunicações polêmicas.

Para entendimento da análise que será apresentada, propomos como corpus, uma notícia sobre duas declarações do então Presidente Jair Bolsonaro: a primeira é sobre o aumento no número de mortes no Brasil por covid19; a segunda é sobre o fim ou continuação do isolamento social; ditadas no Jornal Nacional e no Jornal da Band, ambas se transformaram em notícia, no dia 29 de Abril de 2020.

A partir dessa reflexão, adotamos, como metodologia, a leitura de artigos e livros, por meio de análises comparativas dos aspectos da cortesia e descortesia e dos padrões elucidados pelos “padrões de manipulação da imprensa”. A pesquisa bibliográfica contribuiu nas construções teóricas, nas comparações e na validação dos resultados. Nosso método de análise é qualitativo, pois argumenta os resultados do estudo por meio de análises e percepções.

CONTRIBUTOS DA CORTESIA VERBAL

Quando se pensa em cortesia, de imediato, entende-se como comportamento social, como boas maneiras, em deferência e delicadeza para com o outro, logo, em princípios que regulam e controlam a comunicação humana.

Cabral, Seara e Guaranha (2017), apoiados em Brow e Levinson, apontam definições mais próximas do contexto jornalístico abordado no corpus deste artigo:

O modelo de Brow e Levinson propõe os conceitos de cortesia positiva e cortesia negativa. A primeira corresponde a uma compensação dirigida à imagem positiva é a essência do comportamento familiar e informal. Por sua vez, a cortesia negativa configura uma ação compensatória dirigida à imagem negativa do destinatário. Este é o cerne do comportamento cortês. (CABRAL, SEARA e GUARANHA, 2017, p. 238)

Os estudiosos Brown e Levinson, apontados pelos autores, “partem da concepção de que os elementos de uma sociedade são potencialmente agressivos e de que a cortesia serve, precisamente, para evitar essa agressividade e tornar possível, assim, a vida social.” (CABRAL, SEARA e GUARANHA, 2017, p. 238).

Em suma, o sistema de cortesia linguística é altamente eficaz para a descrição linguística e discursivo-textual dos fenômenos de cortesia que os interlocutores utilizam nas diferentes interações verbais e, nesse sentido, tem, como principal intenção, o estabelecimento de uma relação equilibrada e harmoniosa do ponto de vista interpessoal.

A DESCORTESIA E OS CONTRIBUTOS PARA (DES)VALORIZAÇÃO DA FACE

A descortesia comumente apresenta o valor negativo. Na área da comunicação, a descortesia pode ser aceita como estratégia e como virtude do jornalista, em situações de entrevistas com políticos, artistas, atletas: “O desprezo consciente da polidez, que gera a

descortesia, torna-se estratégia fundamental para a consecução dos objetivos.” (CABRAL, SEARA e GUARANHA, 2017, p. 295).

A impolidez e a descortesia, assim como a polidez e a cortesia, pertencem aos campos semânticos da civilidade e da urbanidade, ou ao modo de se comportar socialmente.

Para Silva (2013), as estratégias descortesas no debate face a face podem ser ameaçantes mediante numerosos atos que afetam não só a esfera privada dos participantes, mas também e, principalmente, a sua projeção diante do público. Isso significa uma grande ameaça à “imagem” positiva de qualquer pessoa, como provas de incompetência e fracasso.

Silva (2013) reporta os estudos de Goffman (1970) para elucidar o termo “imagem”: valor social positivo que uma pessoa deseja para si por meio da linha (linguagem verbal ou não-verbal) que os outros supõem que segue. É a imagem pública do indivíduo, delineada em termos de atributos sociais aprovados “como quando uma pessoa faz uma boa exibição profissional [...] para si mesma”.

Em uma interação, é possível que a imagem que o interlocutor manifesta não se concretize, provocando, por isso, uma situação de conflito.

O trabalho de imagem serve para neutralizar incidentes, isto é, fatos que coloquem em risco a imagem do locutor ou do interlocutor. Silva (2013) afirma que há uma orientação defensiva, no sentido de preservar a própria Imagem e uma orientação protetora, visando a preservar a imagem do outro. O autor explicita, a partir de Goffman (1970), em relação aos três tipos de responsabilidade diante da ameaça à imagem:

1. No primeiro, ao ameaçar, o indivíduo age com certa ingenuidade, isto é, a ameaça é involuntária e não-interacional [uma gafe, por exemplo]. Se soubesse, teria evitado a situação.
2. No segundo, a ameaça é resultado de malícia rancor ou vingança, com a clara intenção de promover conflito ou insulto.
3. No terceiro, a ameaça é provocada por ofensas acidentais; a pessoa que ameaça sabe da possibilidade de colocar em risco a imagem, mas não o faz por rancor, por



exemplo, o comunicado de um falecimento, de uma reprovação no colégio, de más notas do filho. (SILVA, 2013, p. 98)

Nessa perspectiva, Silva (2013) elenca três tipos de procedimento (de proteção ou resgate da face): o primeiro é “, evitar situações de ameaça”, refere-se à tentativa de evitar os chamados contatos de risco, ou temas e situações constrangedoras; o segundo, “processo corretivo”, refere-se à tentativa de corrigir os efeitos ameaçadores da imagem; são comportamentos ritualísticos, como pedido de desculpas para compensar os danos causados à imagem; o terceiro, “pontualização”, refere-se ao emprego agressivo do trabalho de imagem, isto é, há ameaças voluntárias, muito comuns em situações de conflitos.

A MANIPULAÇÃO: SEDUÇÃO E PROVOCAÇÃO

Os procedimentos de cortesia e descortesia mostram que eles são mais necessários e frequentes nas interações por manipulação, desse modo, as estratégias de cortesia tornam as interações por manipulação ainda menos arriscadas e, portanto, mais bem aceitas na sociedade. Assim, os autores supracitados pontuam a respeito dos processos de manipulação no âmbito da cortesia e descortesia:

Os diferentes procedimentos de persuasão definem quatro grandes tipos de manipulação: tentação, intimidação, provação e sedução. Interessam-nos aqui, principalmente, os procedimentos de sedução e provocação, mais diretamente relacionados com a cortesia e a descortesia. (CABRAL, SEARA e GUARANHA, 2017, p. 157)

A sedução cabe à cortesia e a provocação cabe à descortesia, conforme os autores explicam. Desse modo, há estratégias discursivas que cada interlocutor emprega para seduzir e para provocar o outro, levá-lo a acreditar em certos valores e a fazer o que o “sedutor” ou o “provocador” espera que ele faça.



Com base nos estudos do material do projeto NURC-SP (Castilho, Preti, 1987; Preti, Urbano, 1988), os autores explicam:

São usadas para a sedução, sobretudo, as estratégias: de elogiar o destinatário; de concordar com ele; de pedir sua opinião; de produzir efeito de aproximação (com emprego, entre outros, de “você”, em lugar da 3ª pessoa indeterminada [Fiorin 1996]); de atenuar pedidos, ordens, afirmações impositivas, discordâncias.[...]. (CABRAL, SEARA e GUARANHA, 2017, p. 158)

Assim, entendemos que o contrário acontece com a provocação, em que a manipulação acontece pela apresentação da imagem negativa do destinatário, quando se emprega recursos que desmerecem o destinatário.

A MANIPULAÇÃO NO ÂMBITO DOS PADRÕES DA IMPRENSA

Ao abordarmos as técnicas discursivas de manipulação, dentro das categorias da cortesia e descortesia, apontamos, brevemente, estudos que vão ao encontro das teorias delineadas até aqui, tratando tecnicamente como estratégias jornalísticas de edição de manipulação da realidade. Assim, Abramo (2003) afirma:

Uma das principais características do jornalismo no Brasil, hoje, praticado pela maioria da grande imprensa, é a manipulação da informação. O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade. A maior parte do material que a imprensa oferece ao público tem algum tipo de relação com a realidade. Mas essa relação é indireta. É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. (ABRAMO, 2003, p. 23)

A ocultação do real está ligada diretamente aos fatos jornalísticos. Para o autor, existe uma concepção predominante entre empresários e empregados dos órgãos de comunicação sobre “fatos jornalísticos”. O papel de selecionar o que será notícia, ou seja, o que se tornará



um fato jornalístico, é do jornalista. Na prática, essa concepção já atua na manipulação da realidade.

Quaisquer que sejam as características jornalísticas, “não residem no objeto da observação, e sim, no sujeito, na relação que este estabelece com aquele”:

É claro que pode haver variações, amplitude de fatos, versões de momentos, maior ou menor amplitude de fatos, versões e opiniões diferenciadas, mas a maior parte do noticiário de TV segue esse padrão global. (ABRAMO, 2003, p. 36)

A distorção da realidade ou a criação ficcional de espetáculos são praticados diariamente, às vezes, de maneira sutil, em outras, de forma escancarada e agressiva na mídia jornalística.

Uma vez estipulada a base metodológica, a leitura, as manchetes recolhidas dos dois jornais televisivos – “Jornal Nacional e Jornal da Band” – foram analisadas a partir dos estudos da cortesia e descortesia nos discursos, conforme se lê em Silva (2013); as estratégias de ponderação e intensificação, conforme se lê em Cabral, Seara e Guaranha (2017), em confluência com a teoria de Abramo (2003), sobre as múltiplas formas de manipulação da realidade.

ANÁLISE DO CORPUS

NOTÍCIAS REPORTADAS NOS DOIS JORNAIS DO DIA 29 DE ABRIL DE 2020, NO ÂMBITO NACIONAL DA PANDEMIA DA COVID 19

As notícias oficiais de chegada do vírus ao Brasil foram reportadas no dia 24 de fevereiro de 2020. No entanto, as medidas de restrições começaram em alguns Estados no dia 16 de março. Desde 19 de março, a Pasta da Saúde deixou de divulgar a quantidade de casos suspeitos e, dois dias depois, passou também a considerar que havia casos de transmissão comunitária do vírus em todo o país. A transmissão comunitária ocorre quando há casos em que não é mais possível identificar a cadeia de infecção. Isso significa que o vírus está

circulando livremente na sociedade. O contexto difere quando há apenas casos importados ou transmitidos localmente, em que é possível identificar a origem da infecção.

A partir desta percepção, os números de infectados e números de mortes causadas pelo vírus foram contabilizados e crescendo, cada vez mais, mesmo diante do número incompatível de testes disponibilizados. Contudo, no dia 29 de abril, foi computado o maior número de mortes em 24 horas, considerando o início do pico da pandemia no país, conforme o site G1:

FIGURA 1: Notícia sobre os números da covid 19 no Brasil

The screenshot shows a web browser window displaying a news article from G1. The browser's address bar shows the URL: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/29/brasil-tem-5466-mortes-por-coronavirus.ghtml>. The article's main heading is "BEM ESTAR" and the sub-heading is "O Ministério da Saúde divulgou nesta quarta-feira (29) o mais recente balanço dos casos de coronavírus no Brasil." The article lists the following statistics:

- **5.466 mortes**, na terça-feira (28) eram 5.017
- Em 24 horas, foram 449 mortes a mais, **aumento de 9%**
- **78.162 casos** confirmados, na terça-feira eram 71.886. Foram **6.276 casos a mais (9%)**
- **38.564** estão em acompanhamento (49%)
- **34.132** pessoas estão recuperadas (44%)
- 1.452 mortes em investigação
- São Paulo tem 2.247 mortes e 26.158 casos confirmados

The Windows taskbar at the bottom shows the date as 30/04/2020 and the time as 17:30.

Fonte: G1, 2020.

Ainda, segundo o site, neste dia, a doença atingiu o maior número de infectados e mortos desde a sua chegada ao Brasil.

Diante desses dados, analisaremos uma mesma notícia veiculada por dois jornais da TV aberta no Brasil, a partir da linguagem discursiva da cortesia e descortesia, como objetivo de sedução ou provocação, a fim de benefícios próprios.⁴

EXEMPLO 1 – Jornal Nacional, notícia destaque do dia 29/04/2020, disponível no site: g1.globo.com/jornalnacional

'E DAÍ?'

Fala de Bolsonaro sobre os 5 mil mortos no Brasil pela Covid-19 gera repercussão.

Governadores e parlamentares voltaram a criticar a declaração 'e daí?' do presidente.

Entidades ligadas à saúde cobraram uma postura séria e de respeito.

FIGURA 2: Notícia do Jornal Nacional



Disponível em: G1, 2020.

Antes de iniciar a reportagem, Bonner relata:

Bonner ...a fala... de... ontem do presidente Jair BolsoNArO...sobre as mortes pelo covid 19...ainda gera repercussão... hoje governadores e parlamentares voltam a critiCAR a declaração...

4 Os benefícios próprios de cada emissora não serão relatados aqui, pois o interesse desta análise é evidenciar como o gênero notícia, ainda que utilizando os mesmos temas, pode ser construído e proferido de maneiras diferentes.



Repórter1 no dia... em que o Brasil superou a China em número de mortes...
Repórter 2 a gente ultrapassou número de mortes da China...HOje
presidente...
Presidente mas ...E. daí...laMENto...quer que eu faça o QUE? Eu sou
Messias, mas, não faço milagre..
]
Pessoas ao redor ((risos))

A reportagem termina com várias declarações de governadores e parlamentares repudiando a fala do presidente. E assim, o âncora principal termina a reportagem narrando as declarações do presidente sobre o fim do isolamento social:

Bonner ...O presidente Jair Bolsonaro... disse que as mortes ocorreram mesmo com as medidas decretadas pelos governos e prefeito...é...uma afirmação...que contraria FRONntalmente...TUDO que afirma a uNAnimidade das autoridades...SANitárias dos médicos...dos especialistas...QUE... se não fosse...o ...iSOLamento social o número de mortes seria MUltas vezes mais alto....MUltas vezes mais alto..... do que ocorre hoje.... é que...o aumento de números de mortes ocorre exatamente...neste...momento...em que muitas pessoas começam a descumprir o isolamento social...

A declaração foi transcrita nas regras do NURC/SP, apresentada em Preti (2002). A importância em transcrever a mensagem de Bonner, se dá pelo fato de o âncora, costumeiramente, argumentar ou colocar uma reflexão sobre fatos que causam grande repercussão nacional, assim como ocorreu com a declaração “E daí?” do presidente. Nesse momento, observamos a estratégia de manipulação “inversão da opinião pela informação”, explicada por Abramo (2003, p. 31): “O órgão de imprensa apresenta também a opinião, o que seria justo, louvável e desejável, [...] no lugar da informação, e com o agravante de fazer passar a opinião pela informação”.

O âncora do JN, Willian Bonner, mostra indignação, diante dos telespectadores, eleitores e não eleitores do governo Bolsonaro (a fala de ontem do presidente Jair Bolsonaro... sobre as mortes pelo covid 19...ainda gera repercussão). O âncora utiliza-se de declarações de autoridades para reforçar sua indignação diante da fala do presidente. Levando os telespectadores a inferirem que não é ele (Bonner), ou somente ele, mas também pessoas do governo que repudiaram a fala do presidente. Assim, verificamos a utilização de um dos quatro tipos de manipulação citados por Abramo (2003, p. 36): “a autoridade reprime o mal e enaltece o bem.”

Desse modo, o jornal coloca a imagem do presidente em risco, utilizando o recurso de autoridade. Além de enfatizar com expressões negativas, relacionadas aos mortos do covid 19 (‘e daí’), enfatiza a não preocupação do presidente com o número de pessoas mortas no seu país, e aumenta a abominação dos telespectadores em relação à sua imagem, diante de sua argumentação.

Silva (2013, p. 97) faz uma definição sobre ameaça à imagem, “uma grave ameaça à imagem positiva de qualquer pessoa, como provas de incompetência e fracasso”. Dessa forma, é notável que o JN utiliza-se de provas e de fracassos do presidente, tais como: falas, atitudes contra o isolamento, que trazem, como consequência, muitas mortes – vinculando à imagem do presidente, o fato de não se importar com nenhuma delas.

As repetições e pausas nos discursos do âncora Willian Bonner

Na narrativa utilizada como argumento para uma reflexão, ao final do telejornal, verifica-se a ênfase oferecida ao substantivo “Isolamento”, muito utilizado pelo telejornal, inclusive nesta reportagem. O âncora enfatiza este substantivo, além das outras repetições enfáticas “muitas...muitas, mortes...mortes”, o que reforça a contrariedade às atitudes do presidente, que age desfavoravelmente ao isolamento e às autoridades sanitárias. Essas



atitudes provocam mortes. O âncora faz a intensificação do pronome (muitas) e dos substantivos (mortes, isolamento):

O presidente Jair Bolsonaro...disse que as mortes ocorreram mesmo com as medidas decretadas pelos governos e prefeito...é uma afirmação...que contraria frontalmente...Tudo que afirma a unanimidade das autoridades sanitárias dos médicos...dos especialistas...QUE... se não fosse...o isolamento social o número de mortes seria muitas vezes mais alto muitas vezes mais alto.... que ocorre hoje... é que...o aumento de números de mortes ocorre exatamente...neste...momento em que muitas pessoas começam a descumprir o isolamento social...

O âncora faz entonações enfáticas em expressões de confronto e a estratégia de contrariedade ao presidente, ou seja, contrariedade a tudo o que difere suas atitudes e pensamentos: *Frontalmente, unanimidade, sanitárias, isolamento, tudo, muitas, exatamente.*

Os mecanismos linguísticos característicos da conversação, como a repetição, as pausas e as entonações utilizados por Bonner, recobrem e assinalam no texto de comunicação em língua falada e, sobretudo, no regime do ajustamento, arranjos de modalidades – querer agradecer, ou querer fazer acreditar, produzir efeitos passionais na comunicação, marcada, assim, pelo interesse, pela confiança, pela satisfação.

Dessa forma, o jornalista move o público por meio da fixação da representatividade social do presidente da República, frente à responsabilidade pelos prejuízos do país em relação aos descumprimentos das regras de isolamento, (des) construindo a imagem do presidente.

Observando as expressões que impulsionam a descortesia do Jornal, é possível relacionar aos tipos de descortesia apresentados nas considerações iniciais deste artigo e verificar-se que a declaração de Willian Bonner traz traços de descortesia negativa, pois acata os fracassos e os atos desagradáveis do presidente para desconstruir a imagem de Bolsonaro.

Entretanto, é visível o uso da intensificação, por meio da ênfase, expressividade, do realce linguístico mediado pelas marcas da conversação: repetições, pausas e entonação enfática.

De acordo com Cabral, Seara e Guaranha (2017), trata-se de “um fenômeno sociopragmático relacionado com o conceito de intensidade obrigatória, isto é, o grau de obrigações e compromissos que os interlocutores assumem.”

EXEMPLO 2: Jornal da Band, notícia do dia 29/04/2020. Disponível no site: noticias.band.uol.br

'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre recorde de mortes por covid-19.

Em tom de piada, o presidente fez referência ao seu sobrenome dizendo que é Messias, mas não faz milagre.

FIGURA 3: Notícia da rede Bandeirantes



Fonte da imagem: Notícias Band

O presidente Jair Bolsonaro afirma que lamenta, mas não tem o que fazer em relação ao novo recorde de mortes registrados em 24 horas, com 474 óbitos, ultrapassando a China no número de óbitos... pelo novo corona vírus.

“e. daí? lamento. quer que eu faça o que? eu sou Messias, mas, não faço milagre. Disse Bolsonaro, em referência ao próprio sobrenome.

Durante a entrevista em frente ao Palácio da Alvorada, uma Jornalista disse ao presidente: “A gente ultrapassou o número de mortes da China por covid 19...” Foi quando Bolsonaro respondeu que não poderia fazer nada.

Questionado se conversaria com o ministro da saúde Nelson Teich sobre a flexibilidade do distanciamento social, Bolsonaro afirmou que não dá parecer e não obriga ministro a fazer nada. (NOTÍCIAS BAND, 2020).

Observamos nesse discurso, a cortesia oferecida pela reportagem da emissora Band, uma atenuação expressiva dos fatos. A atenuação é um mecanismo fundamental para a formulação da cortesia. Como corroboram Cabral, Seara e Guaranha (2017), “A atenuação é um mecanismo estratégico de distanciamento linguístico da mensagem e de aproximação social, mas sublima igualmente que nem toda atenuação é cortês nem se explica por cortesia.” (CABRAL, SEARA E GUARANHA, 2017, p. 253).

Aquilo que os estudos da cortesia e descortesia denominam como atenuação, Abramo (2003, p. 26) ressalta como padrão de ocultação decisivo e definitivo na manipulação da realidade: “Tomada a decisão de que um fato não é jornalístico”, não há a menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência, por meio da imprensa”. Dessa forma, o fato é eliminado da realidade, e por estar ausente deixa de ser real e torna-se imaginário, ou seja, deixa de ser fato.

Percebe-se o distanciamento entre as duas notícias, que relatam os mesmos fatos. Neste último discurso proferido pelo Jornal da Band, tem-se uma estratégia social, que visa à aproximação do outro, que facilita e promove as relações, que neste caso, trata da relação país x representante nacional. É uma estratégia de interação que tem como propósito evitar tensões e conflitos, salvaguardando a imagem do país e do presidente.

O discurso do Jornal da Band ocorre para minimizar a quantidade ou qualidade do dito, no caso, “os ditos” do presidente Jair Bolsonaro.

Ao salientar as expressões nominais e verbais relacionadas às declarações (e daí? E o fim do isolamento) de Bolsonaro, com traços de cortesia e descortesia proferidas pelos dois principais jornais da TV aberta do Brasil, fica claro o trabalho de imagem, nomeado por Goffman (1970) apud Silva (2013) como “face work”, a fim de designar as ações efetuadas por um indivíduo e conseguir alcançar o propósito esperado para a imagem (seja ela do locutor ou do interlocutor): “O trabalho de imagem serve para neutralizar incidentes, isto é, fatos que coloquem em risco a imagem do locutor ou do interlocutor” (Silva, 2013, p. 97). Para entendermos de forma precisa, destacamos a dissemelhança entre os dois discursos dos telejornais, salientando as expressões nominais, expressões verbais, substantivos e verbos, analisando-os dentro do campo semântico e tendo, como base teórica, Holanda (2010):

QUADRO 1: Comparação das expressões nominais e verbais (verbos, e expressões nominais, substantivos, adjetivos e numerais)

<i>Jornal Nacional (Descortesia)</i>	<i>Jornal da Band (Cortesia)</i>
<i>E DAÍ?'</i> <i>Fala de Bolsonaro sobre os 5 mil mortos no Brasil pela Covid-19 gera repercussão = Numeral representado – causa pânico, números soam muito mal, quando se trata de algo abominável como a morte.</i>	<i>'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?'</i> , diz Bolsonaro sobre recorde de mortes por covid-19.= não cita numerais, emprega o substantivo (recorde) para relatar de forma mais sutil o crescimento das mortes no país, isto é, está maior que a anterior (China).
<i>E DAÍ?'</i> <i>Fala de Bolsonaro sobre os 5 mil mortos no Brasil pela Covid-19 gera repercussão = infere que a declaração, fez nascer um efeito nocivo em grande parte da população brasileira.</i>	<i>Em tom de piada, o presidente fez referência ao seu sobrenome dizendo que é Messias, mas não faz milagre.= atenuam a declaração para a forma como é encarado o assunto (piada), e na tentativa de suavizar a “piada” dentro da seriedade do assunto, ajusta apenas ao sobrenome que é Messias. Desse modo o “e daí” seria ligado apenas a comparação do presidente não ser o Messias, e ser o sobrenome. E não teria nada a ver com o abandono às vítimas do covid 19.</i>
<i>Governadores e parlamentares voltaram a criticar a declaração 'e daí?' do presidente. = outras pessoas/autoridades julgaram.</i>	<i>O presidente Jair Bolsonaro afirma que lamenta, mas não tem o que fazer em relação ao novo recorde de mortes registrado em 24 horas, com</i>

<p>Mostra vozes de autoridades para provar a indignação de também das pessoas do governo retomam (voltaram) às críticas direcionadas ao presidente e assim ameaça sua face negativa.</p>	<p>474 óbitos, ultrapassando a China no número de óbitos... pelo novo corona vírus. = O verbo “lamenta” no presente do indicativo, infere que o presidente está muito magoado, com todas as mortes. O Verbo “fazer” acompanhado da negativa, infere aos telespectadores sentirem compaixão do Presidente: “coitado, não pode fazer nada, assim como nós. “ele é um de nós.”</p>
<p>Entidades ligadas à saúde cobraram uma postura séria e de respeito = desejam seriedade do presidente. Ele brinca com a vida das pessoas, ele não leva a sério a morte de milhares, e se você morrer ele também não vai levar a sério.</p>	<p>...ultrapassando a China no número de óbitos... pelo novo corona vírus. = Num traço de cortesia o jornal não emprega o verbo “ultrapassar” como faz o JN, mas “ultrapassar”, para o telespectador entender que passamos a frente da china, com uma inferência mais leve, sem sarcasmo.</p>
<p>Repórter1 no dia... em que o Brasil superou a China em número de mortes...= superar - sentido de vencer, ironizando a situação. Ninguém se ganha nada por número de mortes. Ganhamos em mortes? um sarcasmo, para intensificar a quantidade de mortes.</p>	<p>Questionado se conversaria com o ministro da saúde Nelson Teich sobre a flexibilidade do distanciamento social...= diferente do JN, que emprega “isolamento”, o jornal da Band utiliza “distanciamento”, que infere uma ação bem menos enfadonha, e agressiva, porém, alinha-se ao discurso do presidente que é contrário ao isolamento horizontal.</p>
<p>...afirmação que contraria frontalmente tudo que afirma a unanimidade das autoridades sanitárias dos médicos dos especialistas... = assegura a veracidade de todos (autoridades). Nenhuma outra autoridade está com o presidente, ninguém o apoia.</p>	<p>... Bolsonaro afirmou que não dá parecer e não obriga ministro a fazer nada= Diferente do jornal da outra emissora, este não expõe a declaração dada sobre o fim do isolamento e relata o outro lado da declaração. Nos inferindo que o presidente não opina nesse sentido, e deixa para o responsável.</p>
<p>... se não fosse o isolamento social o número de mortes seria muitas vezes mais alto muitas vezes mais alto que ocorre hoje é que o aumento de números de mortes ocorre exatamente neste momento em que muitas pessoas começam a descumprir o isolamento social... = descumprir- Se transgredirem a lei de ficar solitário ou longe do convívio social (isolamento) por causa do presidente, haverá mais mortes.</p>	

Fonte: Autores, 2020.



Observando o quadro comparativo entre as notícias dos dois jornais, notamos a particularidade de cada um em noticiar o mesmo ocorrido. As expressões, substantivos, verbos correspondem ao domínio da cortesia e descortesia e são empregados como motivo estratégico do próprio jornalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira consideração acerca do estudo desenvolvido neste artigo diz respeito ao fato de conseguirmos promover o diálogo entre a Análise da conversação, a Cortesia e Descortesia e os padrões de manipulação da imprensa. Dessa maneira, constatamos como, por meio do emprego dos verbos e expressões nominais, tais como os substantivos, adjetivos e numerais, se dá o uso expressivo da descortesia pelo Jornal Nacional, enquanto locutor, e da cortesia pelo Jornal da Band, também enquanto locutor. Com base nas teorias apresentadas, verificamos como os Jornais empregam a construção linguística e como isso proporciona representações mentais diversas e, por vezes, conflituosas para seus telespectadores, diante da emergência de equilíbrio no contexto de saúde pública enfrentado, não só pelo país, mas pelo mundo. Nesta circunstância, seria fundamental a coerência e não a convergência dos fatos, uma vez que essa bifurcação informativa deixa ainda mais nítido o cenário apocalíptico que a população vivencia diante da crise: oradores controversos, emissoras com informações não convergentes só enfatizam o sentimento de dúvidas, incertezas, inseguranças em que as pessoas vivem.

O país precisa, seja por parte do representante nacional, seja por parte da imprensa ou de qualquer cidadão, de mais interações discursivas corteses – não as que trazem pseudofatos – mas as que abordam com seriedade os compromissos assumidos para com a vida e a nação.



As notícias construídas e veiculadas devem repensar a forma como constroem a imagem do país que, por vezes, é construída como o lugar em que nada dá certo, onde só tem lugar o fracasso, pois tem o pior presidente possível, que tem atitudes sempre desastrosas, opiniões sempre insensatas, porque é o mais ignorante e fracassado, insensível e genocida de todos os governantes do mundo e que, por outro lado, os outros países estão sempre corretos, seus presidentes são todos sensatos e fazem tudo certo. A intensificação mediada nas notícias reportadas pelo Jornal Nacional, conforme Cabral, Seara e Aranha (2017), define três aspectos estratégicos:

- i Possui caráter convencional;
- ii serve para alcançar determinados objetivos comunicativos, para interagir e negociar nos conflitos interpessoais;
- iii determina os ânimos de intensificação, que podem incidir em um tema, um interlocutor ou um ato de fala. (CABRAL; SERARA; GUARANHA, 2017, p.255)

Verificamos nas estratégias de intensificação do Jornal Nacional, uma tática comunicativa que contribui para a chamada “intensificação do dito”, e a “intensificação da atitude propriamente dita”, ou seja, a “intensificação do dizer”. Na notícia analisada, observamos as marcas da conversação: repetição, pausas e entonação enfática e as expressões linguísticas e gramaticais como: substantivos, adjetivo, verbos e pronomes.

Já no Jornal da Band, abarcador da atenuação, que ressalta um país que faz de tudo para melhorar, que busca a cura da covid 19 incessantemente, percebemos que é construída uma imagem atenuada do presidente, de um homem muito bem-humorado, porém, centrado em tudo que faz, que não se deve levar em contar suas declarações, que ele faz tudo a favor da democracia, não é um crápula. O referido veículo de comunicação enfatiza que o governo está trabalhando a favor do bem-estar da população. O Jornal da Band tenta transmitir, por meio da cortesia, uma imagem de Bolsonaro em um caráter sensato, brincalhão, tenta transparecer uma

normalidade em tudo que ele diz e faz no país e, conseqüentemente, a mesma imagem do país é apresentada em diferentes contextos, a fim de associar boa governabilidade. Cabral, Seara e Guaranha (2017) elucidam como se faz essa estratégia de atenuação:

A atenuação pode configurar uma estratégia de distanciamento da mensagem (significado proposicional). Pode servir igualmente para prevenir uma possível ameaça ao interlocutor, diminuindo o efeito negativo da força ilocutória do ato de fala. E, ainda pode servir também para reparar um possível dano da imagem do interlocutor devido à força perlocutória do ato. (CABRAL, SEARA e GUARANHA, 2017, p. 252)

A atenuação e intensificação funcionam como processos modalizadores do discurso. Por meio deles, o locutor (jornal televisivo) deixa sua marca na interação com o telespectador. Em uma estratégia consciente, cada um com um propósito individual de provocar um determinado efeito nos telespectadores, inferir ou dar pistas sobre aquilo que, seguem sua nomenclatura de diversificador do discurso – que nos dois casos vistos – é uma notícia.

Nesse cenário de estratégias de modalização de discursos/notícias, estão os telespectadores que ficam divididos entre aqueles fiéis, ao lado do país caótico do Jornal Nacional, e outros fiéis, ao lado do “país das maravilhas”, relatado pelo Jornal da Band. Há, ainda, aqueles que não entendem nada, ou entendem tudo como política e aderem ao lado que lhes convém, assim como fazem os dois telejornais.

Mas a pergunta que fica da comparação dos discursos dos dois Jornais é: “Qual dos Brasis apresentados é o verdadeiro?” No discurso dos Jornais, notamos dois “Brasis” completamente diferentes, “duas verdades”, fato que não ocorre somente na situação da covid 19. O cenário do corona vírus foi apenas uma micro-parcela do que acontece normalmente nos respectivos veículos de informações estudados.

Mas é nesse duplo embate por interesses próprios dos veículos de informação que o telespectador busca a neutralidade das opiniões emitidas e, por isso mesmo, não pode tomar



sua fonte de notícias como face unânime e verdadeira da informação. Desse modo, a imparcialidade do telespectador diante da informação do Jornais seria a escolha mais sensata, e não a expectativa de encontrar notícias reais, fatos. Nesse sentido, para além da recepção imparcial das notícias, seria preciso poder contar com a responsabilidade enunciativa sobre a modalização cortês ou descortês dos discursos dos dois Jornais. O que não se observa.

REFERÊNCIAS:

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; SEARA, Isabel Roboredo; GUARANHA, Manoel Francisco (Orgs.). *Descortesia e cortesia: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017.

E daí? Lamento. Quer que eu faça o que?. São Paulo: Band.com.br, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.band.uol.com.br/coronavirus/noticias/100000988799/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes.html>. Acesso em: 2 maio 2020.

FALA de Bolsonaro sobre os 5 mil mortos pela covi 19 gera repercussão. São Paulo: Globo.com, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/29/fala-de-bolsonaro-sobre-os-5-mil-mortos-no-brasil-pela-covid-19-gera-repercussao.ghtml>. Acesso em: 2 maio 2020.

G1: 1 mês de corona virus no Brasil. São Paulo: Globo.com, 26 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/26/1-mes-de-coronavirus-no-brasil-compare-a-situacao-do-pais-com-china-italia-eua-e-coreia-do-sul-no-mesmo-periodo-da-epidemia.ghtml>. Acesso em: 2 maio 2020.

GIUSTI, Tânia Regina de Faveri; LIMA, Samuel Pantoja. As lições de Perseu Abramo sobre a manipulação na imprensa. *Revista Pauta Geral: Estudos em Jornalismo*, [s. l.], 21 dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta>. Acesso em: 10 jun. 2020.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Dicio: Dicionário online de Português. [S. l.]: Positivo, 2010. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/furibundo/>. Acesso em: 04 de mai. 2020.



LUCAS, Naian. "Jornal da Band" mantém audiência sem Ricardo Boechat Veja mais em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/05/23/jornal-da-band-mantem-audiencia-sem-ricardo-boechat-128964.php>. Na telinha.uol, São Paulo-SP, p. 10-18, 23 maio 2019. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/05/23/jornal-da-band-mantem-audiencia-sem-ricardo-boechat-128964.php>. Acesso em: 16 jun. 2020.

PADIGLIONE, Cristina. Audiência de telejornalismo explode durante crise do novo coronavírus. Folha de S. Paulo, São Paulo-SP, p. 1-7, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-crise-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 16 jun. 2020

PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. 6. ed. atualizada. São Paulo: Humanitas, 2003.

SILVA, Luiz Antônio. Descortesia e (Des)construção da imagem pública. In: *Comunicação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2013.